

— I BIENAL DE ESCULTURA AR AR LIVRE
DO RIO DE JANEIRO —

A Escola de Artes Visuais (EAV), localizada no Parque Lage e vinculada à Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio de Janeiro, é uma das mais importantes instituições do ensino livre de arte no Brasil e, em todo o caso, a mais conhecida. Por ela já passaram, como alunos ou professores, alguns dos mais consagrados artistas brasileiros. A Escola, sempre fugiu dos moldes e padrões acadêmicos mas agora, existe a preocupação de, embora ampliando conquistas anteriores, transformar o espaço numa verdadeira "usina de cultura". Para isso, além da programação básica, constituída por núcleos práticos e teóricos, há um "Forum de idéias", para o qual são convidadas as figuras mais destacadas da cena cultural do país e pretende-se instalar um "Núcleo de Pesquisas", que funcionaria como centro de reflexão sobre a produção nas artes plásticas, preenchendo uma lacuna, criada pela ausência de instituições voltadas à pesquisa neste campo específico.

Ainda dentro desta proposta de uma nova dinamização, a Escola instalou uma "Galeria de Arte", que é hoje uma das maiores do Rio e vai aproveitar o próprio parque para a realização, da I Bienal de Escultura ao Ar Livre que vai acontecer de abril a junho do próximo ano, com a participação de escultores de todo o Brasil. A proposta da Escola de Artes Visuais (EAV), que formou uma nova geração de pintores e que os tornou nacionalmente conhecidos a partir da mostra "Como vai você Geração 80?", é resgatar para a cidade do Rio de Janeiro, a posição de centro cultural do país, que vem perdendo nos últimos anos, num processo de esvaziamento, que se acentuou radicalmente com o incêndio sofrido pelo Museu de Arte Moderna,

então o principal espaço cultural do Rio, processo que continuou ao longo dos anos seguintes, inclusive tornado mais nítido pela importância, cada vez maior, da Bienal de São Paulo.

A escultura foi escolhida por estar vivendo um momento de crescimento, após o predomínio da pintura durante esta década, além de ser tradicionalmente, uma das mais fortes vocações da arte brasileira. Por outro lado, a mostra ao ar livre, vai destacar o caráter monumental da escultura, aproveitando também a própria localização da Escola, num parque público. A escultura é, por vocação, uma forma de arte pública, que gosta de habitar espaços amplos e abertos. Então, é comum encontrar junto aos principais museus do mundo, em Washington e Nova Iorque, Amsterdam ou Copenhague, grandes jardins de esculturas. Assim como é comum, a ocupação de espaços públicos com esculturas de grande porte: Hakone (Japão), Antuérpia (Bélgica), Kassel (Alemanha).

A I Bienal de Escultura ao Ar Livre, que na sua primeira edição terá abrangência nacional, com acento especial como já se enfatizou, para peças destinadas a exposição ao ar livre, deverá internacionalizar-se a partir de sua próxima edição. Os trabalhos, selecionados por um júri especial, formado por críticos de arte, entre os mais representativos do país, serão expostos nos jardins do Parque Lage, em locais escolhidos, por especialistas, de forma a permitir uma integração total com a natureza exuberante que sobe pelas encostas do Corcovado. O júri de seleção da Bienal, foi formado pelo crítico Frederico Moraes, idealizador do projeto e então diretor da Escola, por Sheila Leirner, crítica e curadora da última Bienal Internacional de São Paulo e ainda Evelyn Berg, ex-diretora do Museu de Arte do Rio Grande do Sul e Paulo Sérgio Duarte, diretor do Paço Imperial e membro do Conselho do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro. Foram escolhidos trabalhos de 20 artistas (que fizeram sua inscrição através de protótipos em escala reduzida, mas realizados no mesmo materi

al em que as esculturas serão construídas), selecionados entre mais de 600 projetos de cerca de 400 artistas de todo o país. O júri de seleção concedeu, ainda, sete menções especiais. O primeiro critério para a escolha, foi o da qualidade individual dos trabalhos. O segundo, foi o da relação dos projetos com o espaço, já que a Bienal acontece ao ar livre. E foi dada preferência aos artistas que lidam com o ambiente, com concepções que envolvem, desde espaço a situações climáticas.

A Bienal terá ainda salas especiais. Numa delas, os nomes consagrados da escultura brasileira: Bruno Giorgi, José Pedrosa, Alfredo Ceschiatti, Weissmann, Amílcar de Castro, Sérgio Camargo, Tenreiro, Krajcberg, entre outros. Noutra, acolherá um grupo de convidados (Rubem Valentim, Marcelo Nitsche, Nelson Leirner, Ascânio MMM...) e por fim, duas salas dedicadas ao desenho de escultores e ao múltiplo tridimensional.

Do projeto original da Bienal consta uma parte didática, que correria paralela à duração do evento e que inclui Simpósio Internacional (com críticos vindos da Europa e Estados Unidos), Seminário, Conferências várias, Cursos e "Workshops", sobre a criação escultórica. Estas "atividades paralelas" contariam com o patrocínio da Fundação Banco do Brasil e da Varig. Porém, com os sucessivos adiamentos, corre-se o risco de inviabilizar a realização de toda a programação didática e naturalmente de perder os patrocínios, uma vez que foram solicitados para um segmento específico do evento. Entretanto, a I BIENAL DE ESCULTURA conta com o apoio do Governo do Estado, através da Secretaria de Estado de Educação e Cultura e de início, tinha praticamente garantido o apoio do SYNDARMA (Sindicato Nacional das Empresas de Navegação Marítima). Posteriores dificuldades, inclusive envolvendo interesses políticos da classe, que queria que o Governo pressionasse junto ao Congresso, para a aprovação de dois decretos de seu interesse, acabaram por impedir que as possíveis doações saíssem em tempo hábil. A questão agora, junto às Empresas de Navegação, resume-se no inte-

resse de algumas em apoiar o evento, com verbas que oscilam entre os US\$ 10.000 e US\$ 20.000 (ao câmbio oficial do dia), sendo que destas, apenas uma (a Marítima Nacional) se dispõem a doar US\$ 20.000 ...se e quando tiver a certeza da realização do evento. Igual montante, por parte de outra empresa, é possível mas não certo, dependendo também da apresentação do projeto e da realização do evento. Do mesmo modo, a "Frota Oceânica Brasileira", que se dispõe a doar 5.000 OTNs.

Entretanto, esta indefinição, levou-nos a procurar outros patrocínios junto à iniciativa privada, dividindo o projeto da Bienal (a esta altura, aparentemente, com as maiores dificuldades para ser bancado por única empresa ou entidade) em "pacotes". Ofereceu-se então o pacote da "Programação Visual" da Bienal ao BANCO BOAVISTA. Estamos aguardando a resposta.

A estimativa aproximada de custos, em OTN, para a Bienal, apresenta-se deste modo:

Ajuda de custo aos artistas		
(sem patrocínio)	21.799	
Montagem geral	<u>15.000</u>	
(sem patrocínio)	36.799	
Projeto gráfico	6.800	
(possibilidade de patrocínio)		
Programação didática	10.000	
(possibilidade de patrocínio)		
Seguro	2.500	
(possibilidade de patrocínio)		
T o t a l	56.099 OTNs	